

VIII Congresso Internacional de Convergência 2023

Que ética para a prática psicanalítica hoje?

Em Viena há quatro espelhos
onde jogam sua boca e seus ecos

...

Há guirlandas frescas de choro

Frederico García Lorca. Pequena Valsa Vienense¹

Vou contar uma pequena anedota. Há algum tempo, um músico argentino -Mario Siperman, conhecido por ser o tecladista dos Fabulous Cadillacs-, empreendeu uma tarefa peculiar: gravar em espanhol algumas canções de Leonard Cohen -compositor, intérprete e poeta canadense-. Não me interessa aqui discutir o valor de projetos dessa natureza, nem opinar sobre eles -algo que, aliás, estou longe de estar à altura-; quero simplesmente aproveitar o que aconteceu comigo ao ouvir algumas gravações dessas canções para introduzir o assunto que quero trazer hoje.

O comentário poderia ser simples: não suporto ouvir as canções de Cohen em espanhol, cantadas por outros. Mas a pergunta que abre o que me interessa é por quê? Primeiro, não consigo reconhecê-los: o encontro entre a música e a sonoridade da língua original, aquela alquimia que só acontece na língua em que ele canta para mim, está completamente perdido. Mas também sinto falta da voz de Cohen: aquela voz maravilhosa, que arranha o corpo e faz doer, que nos mergulha, ao mesmo tempo, na mais profunda das melancolias e no mais belo rugido erotizante; aquela que, além disso, canta na língua dela, sinto falta e me dói sentir falta.

¹Cohen tem uma linda canção, "Take this Waltz", inspirada nesse poema. É isso, uma versão, uma leitura; não uma tradução.

Há relativamente pouco tempo levei Facundo, um menino autista de 9 anos, para análise. Chamam-me num momento crítico: Facundo é extremamente "desordenado": grita, não para de vaguear, bate. Ele estava em tratamento até recentemente com uma terapeuta que "compartilhava" com seu irmão gêmeo, que também tem diagnóstico de autismo. Não vou parar agora para dar razões para esta situação -que diz respeito à transferência dos pais-, mas o fato é que o escritório está instalado na casa de Facundo; especialmente, agora, no quarto de Facundo. Trabalhamos quase sem falar, até porque vejo com bastante clareza que cada vez que as frases feitas que lhe foram ensinadas começam a fluir, à maneira de imperativos, seu corpo fica deslocado e surgem todo tipo de fenômenos bizarros. Há algum tempo, em suas sessões, é comum repetir essa sequência: Facundo se joga na cama e morde um travesseiro. Eu puxo para fora, puxando. Ele ri alto e infantilmente, alto. Em um de nossos encontros, a mãe irrompe trazendo um ovo cozido -"ele me pediu um ovo", diz ela como explicação-. Facundo quer agarrá-lo com a mão; Corto com o garfo e dou para ele; ele pega o garfo e o leva à boca. A certa altura, ele pega o garfo e me enfia na boca; eu mastigo ruidosamente e me regozijo até engolir ruidosamente.

Um pouco depois, ouve-se o chilrear de uma pomba; Facundo leva a mão ao pescoço, como se ali reverberasse o piar da pomba. Na sessão seguinte a mãe disse-me, quando cheguei, que o Facundo estava doente e que não queria comer porque "não gosta de nada que possa comer". Eu digo a ela para me dar um pouco do que ela diz que pode comer. Ele me deixa uma maçã, que descasco e corto na frente dele. Dou um pedacinho e como um: de novo mastigo ruidosamente e engulo com prazer. Então estamos comendo a maçã; no final, ele se levanta e procura os pedaços. Em seguida, ele se joga na cama, coloca o barril de uma arma de brinquedo na boca e começa a brincar com a língua ali. Pego uma flauta, inverte-a e mal faço passar um fio de ar por aquele tubo, que quase não soa. Ao sair, a mãe vê que estou carregando o prato com as cascas e os restos de maçã e me pergunta: "Ele comeu?? Você teve que fazer todo aquele parafema para comer com ele e tudo mais?"

Interessa-me retomar e repetir algumas pontuações que coloquei quando nosso Grupo de

Trabalho foi convocado para a atividade preparatória da reunião da Comissão de Enlace Argentina-Uruguai, um ponto muito específico de amor de transferência: aquele que diz respeito ao trabalho de reunindo o corpo e a linguagem ali onde algo foi interrompido, atrasado, difícil, simplesmente, desabilitado. Aí localizei um livro muito bonito que trabalhamos no grupo; um livro de conversas com Julia Kristeva e Philippe Sollers com ambos como casal: *De casamento como uma das belas artes*-. Volto a alguns dos parágrafos que derramei ali.

Foi mais ou menos assim:

Existe uma ideia que Kristeva e Sollers discutem e que eu gostaria de usar como torção que deve ser dado já que estamos falando, como eu disse, daquele amor peculiar que é o amor de transferência. Eles sustentam que há uma reinvenção da infância no amor; “uma infância recuperada a posteriori, no encontro, que te reinventa completamente, renasce e diferente... Que te faz reviver uma memória sensorial recuperada, revelada e repentinamente intensificada, renovada”². O que daí decorre, quase necessariamente, é que no amor se trata de criar uma língua comum, própria e ao mesmo tempo estrangeira e estrangeirizante; uma língua que trabalha com os afetos do corpo.

Colocar o amor como uma reinvenção -talvez uma apenas invenção da infância onde a criança era impedida ou difícil de nascer- coloca as coisas na medida certa: a transferência é a chance de escrever um território de origem, justamente porque não há um “infância original”³, ou seja, porque a origem é uma possibilidade sempre latente e um lugar que se desfaz, se dobra, se relança na transferência; seu próprio campo, mesmo. E finalizou com algo assim: como reposicionar o chamado ao analista na transferência em análises em que a “fala” seria apenas um efeito do trabalho analítico, em que o centro do jogo é jogado pela “ativação ou forçamento do real na linguagem para a causação de um sujeito”⁴? Eu adiciono a este curso hoje mais algumas notas para continuar meu trabalho; alguns que adiciono de Cohen em espanhol, meu impacto e a vinheta clínica. Quando Lacan fala em “A terceira” do ronronar do gato, ele fala de um gozo muito peculiar, um gozo da audição sensível, o *j’ouïs-sens*. A animação do corpo pulsional cozinhado

2 Kristeva, J. e Sollers, Ph.: *Do casamento como uma das belas artes*, Buenos Aires, Interzona, 2016, p. 35

3 *Ibidem*, p. 34

4 Borgatello de Musolino, M.: *Afecção e causalidade do sujeito na clínica*, Livro II, Buenos Aires, Letra Viva, 2012, p. 83

com o caldeirão de lalíngua, supõe este gozo reverberante, que implica, por um lado, a imersão no magma sonoro e, por outro, a colocação em jogo de uma voz imbuída de sonoridades que irão traço para a montagem da pulsão fonante (não apenas invocativa) - nesse sentido, como disse R. Harari, o gozo fônico precede lógica e cronologicamente o significante⁵ -. O amor transferencial assume toda a sua dimensão de afeto - é um amor como outro qualquer, diz Freud - ao sedimentar em um corpo errante, pelo gozo fônico que põe em jogo, estilhaços com os quais o jogo da pulsão se ancorará e no qual serão recortadas -como se fosse um baixo contínuo- as arestas que já fazem, para uma discretização. Aqui, efetivamente então, a transferência como amor se dimensiona como aquilo que a infância edita, motoriza uma volta absolutamente nova em torno do veneno da linguagem, traça um espaço para habitar, com sons próprios, um mapa para que o falante caminhe pelo.

Até aqui hoje.

⁵ Agradeço a E. Feinsilber por evocar esta citação, que a trabalhou em seu Seminário deste ano.